

Resenha

Thaís Jesinski Batista

A Marinha brasileira na era dos encouraçados, 1895-1910: tecnologia, Forças Armadas e política

Thaís Jesinski Batista

Graduanda do Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Resenha de MARTINS FILHO, João Roberto. *A Marinha brasileira na era dos encouraçados, 1895-1910: tecnologia, Forças Armadas e política*. Rio de Janeiro: FGV, 2010, 224 p.

João Roberto Martins Filho é um importante pesquisador da área de defesa no Brasil. Toda sua formação, incluindo a obtenção dos títulos de mestre em Ciência Política e doutor em Ciências Sociais, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Foi o primeiro presidente da Associação Brasileira de Estudos de Defesa (ABED), entre 2007 e 2008. Atualmente, é professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), local em que atua desde 1988.

Entre os assuntos abordados por Martins Filho, pode-se destacar a história das Forças Armadas do Brasil, em especial os fatos relacionados à Marinha. Uma de suas mais importantes obras, *A Marinha brasileira na era dos encouraçados, 1895-1910*, trata justamente da história da formação da Marinha do Brasil no início do século XX. O livro, objeto desta resenha, apresenta mais do que uma descrição histórica, suscitando reflexões sobre a defesa do Brasil.

O livro *A Marinha brasileira na era dos encouraçados, 1895-1910: tecnologia, Forças Armadas e política* foi publicado em 2010 pela editora FGV. O debate sobre defesa no

Brasil estava em alta na época, com a publicação de importantes documentos para a defesa do País, tais como a Estratégia Nacional de Defesa (Decreto nº 6703/2008) e o Livro Branco de Defesa Nacional (Decreto nº 7438/2011). Nesse contexto, a publicação da obra de Martins Filho trouxe uma importante abordagem para a discussão sobre o setor securitário do Brasil.

No seu livro, Martins Filho tem como objetivo apresentar o processo que culminou com a compra, por parte do Brasil, de navios extremamente avançados para a época, os *Dreadnoughts*¹. Muito além de apresentar a história oficial, o autor demonstra as movimentações por trás do enredo conhecido, apontando a influência do mercado na escolha brasileira e os impactos internacionais, regionais e domésticos da compra.

O livro é dividido em cinco capítulos, além da introdução. Martins Filho inicia sua obra apresentando o contexto no qual a compra dos *Dreadnoughts* ocorreria. O início do século XX é marcado pela revolução naval que introduziu navios construídos inteiramente de ferro – os encouraçados. O autor faz uma

* Artigo recebido em 11 de abril de 2017 e aprovado para publicação em 1ª de novembro de 2017.

revisão da literatura acerca da guerra naval e a influência da tecnologia, defendendo a tese de que a evolução tecnológica representada pelos *Dreadnoughts* teve efeitos políticos. No Brasil, os planos de modernização da Marinha, de 1904 e 1906, divergiam justamente sobre a presença ou não dos *Dreadnoughts*. A decisão de adquiri-los teve efeitos políticos nos planos externo e interno, como a crise com a Argentina e a Revolta dos Marinheiros de 1910.

No primeiro capítulo, Martins Filho apresenta o estado da Marinha brasileira no final do século XIX, mostrando um quadro de precariedade tanto das máquinas como dos homens que compunham a Força. O despreparo dos navios convergia com a desorganização dos marinheiros. Além disso, o autor aponta um problema estrutural: sem perspectivas de ascensão na carreira, sobravam oficiais superiores e faltavam oficiais subalternos.

No segundo capítulo são apresentados os programas navais de 1904 e 1906, elaborados respectivamente pelos Almirantes Júlio de Noronha e Alexandrino de Alencar. Martins Filho vai além da apresentação da história oficial do processo de modernização da Marinha brasileira, explorando a influência das firmas britânicas na elaboração dos programas. Utilizando-se de um extenso estudo em acervos no Brasil e na Inglaterra, Martins Filho argumenta que a firma Armstrong tinha antigas relações com o Brasil e teve papel decisivo tanto na elaboração do programa de Noronha quanto na sua alteração pelo Almirante Alexandrino. De fato, o autor aponta que a firma inglesa teria interesse em modificar o programa de 1904, transformando as encomendas brasileiras em *Dreadnoughts*, e a recusa do Ministro Noronha gerou sua substituição pelo Almirante Alexandrino.

A influência dos estaleiros britânicos no processo de modernização naval do Brasil é melhor abordada no terceiro capítulo, onde o autor apresenta a dinâmica do setor naval. Essas empresas, patrocinadas pelos seus Estados de origem, desenvolviam novas tecnologias e exportavam-nas para os países sem capacidade de produzir navios, as chamadas “potências menores”, como o Brasil,

a Argentina e o Chile. No caso específico da empresa Armstrong, agentes comissionados atuando nesses países conquistavam negócios utilizando-se de subornos.

O autor, portanto, além de contribuir para a historiografia brasileira, apresenta novos argumentos para a narrativa do processo de modernização da Marinha do Brasil, de maneira fundamentada e clara. No final do terceiro capítulo, ele faz um resumo dos argumentos apresentados:

No caso do programa do Almirante Júlio de Noronha, não parece haver dúvida sobre as conexões prévias com a firma Armstrong. Em seguida, como vimos, o almirante se recusou a aceitar as pressões dessa firma, altamente interessada na alteração dos planos originais a fim de possibilitar a construção de seus primeiros *Dreadnoughts*. Diante desse obstáculo, a partir de meados de 1906 os esforços dos ingleses parecem ter se voltado, com sucesso, para o Almirante Alexandrino, o que resultaria no programa naval de 1906. Levando em consideração as características da competição na indústria armamentista expostas nesse capítulo, a importância dos mercados externos nessas dinâmicas e a falta de escrúpulos daquelas firmas na obtenção das grandes encomendas estrangeiras, é difícil de imaginar que na origem dessa mudança da política naval brasileira não estivesse presente o recurso aos métodos subliminares de negociação que aludimos. (MARTINS FILHO, 2010, p. 128).

Nos dois últimos capítulos do livro, Martins Filho apresenta os efeitos da decisão brasileira de encomendar os navios *Dreadnoughts* da Inglaterra. Quanto ao plano externo, a opção brasileira gerou instabilidades em âmbito mundial – com a desconfiança de que o País venderia os navios gerando um desequilíbrio de poder no sistema internacional – e em âmbito regional, com a importação do efeito desestabilizador da corrida naval tecnológica para as relações Brasil-Argentina.

Já em relação ao plano interno, a chegada dos navios é descrita como uma festa nacional, símbolos de um Brasil próspero. No entanto, o grande avanço das máquinas não foi acompanhado pela reorganização dos homens. Oficiais não tinham conhecimento para operar os navios e o tratamento dos marujos ainda era marcado pelo preconceito racial e por castigos corporais. O progresso era das coisas e não das pessoas. Martins Filho apresenta, então, um argumento inovador: o contraste entre os navios altamente avançados e o modo de trabalho extremamente atrasado na Marinha teria contribuído para a eclosão da Revolta dos Marinheiros de 1910, ainda que não possa ser considerado o motivo principal. O autor conclui sua obra dizendo que “A ênfase no material flutuante, em detrimento do preparo do pessoal e da infraestrutura de manutenção, tinha criado uma Marinha ‘despreparada e ineficiente” (MARTINS FILHO, 2010, p. 201).

O livro *A Marinha brasileira na era dos encouraçados, 1895-1910: tecnologia, Forças Armadas e política* é coerente com seus objetivos e traz, de forma clara e fluida, inovações para a narrativa do processo de modernização naval brasileira do início do século XX, além de uma análise estruturada das implicações que a opção pelos *Dreadnoughts* gerou nas políticas externa e doméstica do País. A obra, fruto de extensa pesquisa em diversos acervos, é uma importante contribuição de Martins Filho para o estudo da Marinha do Brasil e, de forma mais ampla, para o estudo da defesa e sua relação com a política, no Brasil e no mundo.

Mais além, o livro apresenta um tema pouco estudado fora dos círculos de países desenvolvidos, demarcando a visão brasileira sobre o tema. Por fim, a obra também contribui para o pensamento atual da defesa brasileira, apontando a necessidade de desenvolver indústrias de defesa nacionais e de investir no preparo de praças e oficiais.

NOTAS

¹ Esse tipo de navio foi revolucionário, pois trazia um grande poder de fogo aliado a uma alta velocidade de deslocamento.